

PORTUGALIA

Materiaes para o estudo do povo portuguez

POLJA GRAY

Director - Ricardo Severo
Redactor em chefe - Rocha Peixoto
Secretario - Fonseca Cardoso

MEMORIAS

	Pags.
M. Vieira Natividade	
F. Adolpho Coelho	
Theophilo Braga	
Sousa Viterbo	
José da Silva Picão	
Alberto Sampaio	
— GRUTAS DE ALCOBACA (com 237 figuras em XXIV estampas)	433-474
— A PEDAGOGIA DO POVO PORTUGUES (continuação)	475-496
— SOBRE GRAVURAS DOS LIVROS POPULARES (com 46 gravuras)	497-512
— ADAGIARIO PORTUGUEZ	513-534
— ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO (com 5 grav., continuação)	535-548
— AS "VILLAS" DO NORTE DE PORTUGAL (continuação)	549-584

VARIA

NOTAS E COMMUNICAÇÕES

Rocha Peixoto	— <i>Uma iconographia popular em azulejos</i> (com 10 gravuras)	585-590
SOCIEDADE ARCHEOLOGICA DA FIGUEIRA		
Communicações presentes á terceira sessão de 9 de abril de 1899 (com 8 gravuras)		
A. dos Santos Rocha	— <i>Mobiliario neolithico disperso no districto de Leiria</i>	591-592
—	— <i>Nota sobre um adorno metallico existente no Museu da Figueira</i>	592-593
—	— <i>Estação luso-romana da Pedrulha</i>	593-595
—	— <i>Dado romano proveniente das ruinas de Condeixa-a-Velha</i>	595-596
—	— <i>Necropole luso-romana da Senhora do Desterro, em Montemor-o-Velho</i>	596-598
Ricardo Severo e Fonseca Cardoso	— <i>Observações sobre os restos humanos da necropole de Nossa Senhora do Desterro</i>	598-599
A. dos Santos Rocha	— <i>Lapide sepulchral de Zalamea de la Serena</i>	600-601
Pedro Belchior da Cruz	— <i>Amphora de barro proveniente de Valencia del Cid (Hespanha)</i>	601-602
Pedro Fernandes Thomás	— <i>Nota sobre um grande vaso de barro existente no Museu</i>	602
Pedro Belchior da Cruz	— <i>Arcabuzes de serpe e morrão</i>	603-604
Pedro Fernandes Thomás	— <i>Amuletos do concelho da Figueira</i>	604-605
Augusto Goltz de Carvalho	— <i>Delimitação das antigas villas de Buarcos e Redondos</i>	605
José Fortes	— <i>Lagar de mouros</i> (com uma estampa)	606-608
L. de Figueiredo da Guerra	— <i>Uma povoação subterrada</i>	609-612
Albano Bellino	— <i>Habitación urbana</i> (com 11 gravuras)	613-618
A. Thomaz Pires	— <i>Amuletos</i>	618-622
Mello de Mattos	— <i>Cultura dos trigaes no Alemtejo</i>	622-623
Rocha Peixoto	— <i>Os cercos</i>	623-624
Rodríguez Monteiro	— <i>Os palitos</i> (com 2 gravuras)	625-628
Rocha Peixoto	— <i>A origem d'uma formula magica</i>	628-629
Sousa Viterbo	— <i>As candeias na industria e nas tradições populares portuguezas</i>	629-631
Tavares Teixeira	— <i>Folk-lore transmontano</i>	631-632

NOTICIAS

<i>Alfaiá agricola portuguesa</i> , por F. Adolpho Coelho (com 14 gravuras)	633-649
<i>A Carta geologica de Portugal</i> , por R. P.	650
<i>A colleção archeologica de Albano Bellino, em Braga</i> , por R. S.	651-652
<i>Os portuguezes segundo algumas photographias</i> , por R. S.	653

OS MORTOS

<i>Emílio Hübler</i> , por Joaquim de Vasconcellos (com 1 retrato)	654-656
<i>Luciano Cordeiro</i> , por R. P. (com 1 retrato)	656

BIBLIOGRAPHIA

LIVROS E OPUSCULOS

ANTONIO DOS SANTOS ROCHA — <i>Antiguidades prehistoricas da Figueira</i> , por R. S.	657-659
A. GONÇALVES LOPES — <i>Os Beirões</i> , por F. C.	659-660
AGOSTINHO VIEGAS DA CUNHA LUGAS — <i>O angulo biorbital dos crânios portuguezes</i> , por F. C.	660
ALEXANDRE ALBERTO DE SOUSA PINTO — <i>Estudos sobre a mandíbula</i> , por F. C.	660
M. ESTEVES PEREIRA — <i>A industria portuguesa</i> , por R. P.	661
VIARIOS — <i>Le Portugal</i> , por R. P.	662-664

COLLABORADORES ARTISTICOS D'ESTE FASC.: D. Clotilde da Rocha Peixoto, E. Corrodi, F. Gil, G. Van Kricken, Hugo de Noronha, L. Battistini, M. Natividade, S. Silvestri, etc.

C LICHÉS DE: Joaquim d'Alreu, M. Carneiro, Sousa Pinto, etc.

leitores portuguezes que não a vimos citada e aproveitada a valer senão por dous ou tres escriptores nacionaes. Seria utopia esperar algum proveito immediato de uma recommendação feita a favor de publicações mais recentes de Hübner, como o volume das *Inscrições ibéricas* (1893), ou a memoria sobre as antiguidades phenicias da peninsula (Andaluzia), que recebemos do nosso illustre amigo poucas semanas (1900) antes de sua morte.

Não contesto que os estudos archeologicos hajam progredido em Portugal; nem pretendo negar o merito relevante de um pequeno grupo de estudiosos, empenhados na pesquisa das nossas tradições e dos monumentos menores; mas tudo isso é mui pouco, desde o momento em que falte a concordancia dos movimentos dentro de um plano methodico de exploração. Cada um escava e pesquisa por sua conta; junta e classifica os objectos *ad libitum*. Na capital, a louca pretensão de centralisar tudo, sem o menor fundamento de justiça, porque a vida intellectual e artistica, o movimento scientifico e industrial do paiz tem-se descentralisado progressiva e evidentemente desde 1852. Na provincia, a desconfiança crescente perante raptos e roubos inqualificaveis. Elles lá, esquecem-se do escandaloso rol de preciosidades que tem desaparecido dentro dos muros de certos museus, quando não desaparecem logo os proprios museus, inteiros (os de Fradesso da Silveira, Estacio da Veiga, etc.). Na provincia, a natural reacção — escavar tudo, e aferrolhar quanto antes, prevenindo a visita do snr. Inspector *x* ou *y*, d'este ou d'aquelle agente officioso, encarregado de vistoriar archivos, visitar conventos e ruinas, de revolver *Citanias* de todos os feitios e tamanhos.

Parecia logico e natural associar os esforços, se as proprias agremiações de archeologos e a tão fallada Commissão dos Monumentos Nacionaes, (reformada uma vez por anno, pelo menos), não confirmassem mais uma vez que em Lisboa desejam sómente absorver tudo, legislar, regulamentar de manhã, á tarde e á noite.

Seria curioso historiar as vicissitudes das diferentes Sociedades archeologicas que se fundaram em Portugal desde que Hübner appareceu entre nós (1861), dando conselhos que não foram ainda attendidos.

Parece-nos que a archeologia nacional teria tudo a lucrar, se antes de descermos a estudar as remotas origens, occultas no solo, nos dedicassemos a investigar e comprehender o que temos á vista! Se em vez de discutirmos um silex lascado, tentassemos perceber a estrutura do monumento onde entramos todos os dias. Não ha a noção mais rudimentar dos periodos historicos, mas vamos desencantar a *pre-historia*. É uma opinião — mais nada. Que a discutam os interessados.

Porto, Julho, 1901.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

LUCIANO CORDEIRO

21 de julho de 1844 † 24 de dezembro de 1900

Accentuaram-se, em varios panegyricos officiaes e officiosos, as qualidades de luctador que avultavam esta Figura. Foi, na realidade, o seu papel de apostolo combatente que sobrelevou todas as funções a que o chamaram a sua aptidão multiforme, o prodigio da sua canceira trabalhadora, um patriotismo já entre nós obsoleto. A mentira normal aquietou-se, pois que nem as mesmas redundancias floridas que teem coberto, ephemerias, a passagem da Vulgaridade em dia, deixarão, para a sua memoria, de se justificar n'um echo perduravel.

Este homem foi periodista; elaborou relatorios e monographias, livros de viagens e livros de critica; presidiu, secretariou ou acompanhou commissões de estudo; organisou ou collaborou em congressos; promoveu expedições; defendeu, em assembleias ou em memoriaes, os direitos e a prioridade de posses e de feitos portuguezes; exhumou e commentou textos ignorados ou esquecidos; clamou em favor das antiguidades historicas da patria; iniciou ou cooperou salientemente nas commemorações civicas em homenagem a Camões, a Pombal e ao Infante; lidou na politica e no jornalismo partidario; e por sobre todo este labor trasbordante creou, defendeu e sustentou a aggremação que em Portugal ha conquistado mais ferteis resultados, mais rutila gala e mais dilatado renome. Se a Sociedade de Geographia estagnar — e a consumpção é presumivel com a falta de sequencia d'um fito obsessivo — a memoria d'este homem destaca immarcescivel no seu periodo fulgido do primeiro quarto de seculo.

Contrariado e malsinado, rompendo, não obstante, através da multiplice velleza e inopia dos seus contemporaneos, ahi passou alguém que quiz e fez: d'onde o esplendente relêvo da Figura!



R. P.